



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* - ESPECIALIZAÇÃO

Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica

CAMPUS CERRO LARGO

VERA LUCIA LEZINA SAUL

**POR UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E RESOLUTIVA DOS CONFLITOS
NOS ESPAÇOS ESCOLARES**

CERRO LARGO - RS

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* - ESPECIALIZAÇÃO

Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica

CAMPUS CERRO LARGO

VERA LUCIA LEZINA SAUL

**POR UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E RESOLUTIVA DOS CONFLITOS
NOS ESPAÇOS ESCOLARES**

Monografia realizada como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica, pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Orientador: Prof. Dr. Lívio O. Arenhart

CERRO LARGO - RS

2013

POR UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E RESOLUTIVA DOS CONFLITOS NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Resumo

O presente texto trata-se de uma pesquisa bibliográfica a respeito de uma temática que tem preocupado e desestimulado os professores da rede pública. Essa temática refere-se aos conflitos escolares, suas causas e possibilidades de resolução dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Nesse sentido, o trabalho realiza uma breve reflexão histórica, a fim de perceber quais são as mudanças que ocorreram nas últimas décadas na escola, pois a clientela que recebemos não é a mesma de outrora. Com essas mudanças, as metodologias, os planejamentos e as relações interpessoais utilizadas anteriormente não condizem mais com a atual necessidade. Assim, questiona-se quais as modificações ocorridas na escola pública, qual o papel da escola nessa nova realidade e quais as mudanças necessárias para o educador nesse contexto insólito. Essas questões são levantadas e a fim de refletir e minimizar muitas queixas e lamúrias ouvidas constantemente na sala dos professores e apontar possibilidades de efetivar um trabalho cotidiano com sucesso e perceber os conflitos como enriquecedores e momentos de aprendizagem.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Conflitos; Diversidade; Relações de Poder.

IN AN INTERDISCIPLINARY APPROACH AND CONFLICT IN SPACES SOLVING SCHOOL

Abstract

This text is in a literature search on a topic that has preoccupied and discouraged teachers from public schools. This theme refers to school conflicts, their causes and possible solutions within an interdisciplinary perspective. In this sense, the work is a brief historical reflection in order to understand what are the changes that have occurred in recent decades in school, because the clientele that we receive is not the same as before. With these changes, the methodologies, planning and interpersonal relationships previously used are not consistent with the most current need. So, the question is what changes occurred in public school, what the school's role in this new reality and what changes are necessary for the educator in this unusual context. These issues are raised and in order to reflect and minimize many complaints and cries heard constantly in the staff room and point out possibilities of effecting a job everyday and successfully perceive the conflict as enriching and learning moments.

Keywords: Interdisciplinarity; Conflict, Diversity, Power Relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 04
1 - FATORES CONTEMPORÂNEOS DA CRISE DO MODELO TRANSMISSOR DA EDUCAÇÃO ESCOLAR	p. 06
2 - A INEVITABILIDADE DOS CONFLITOS NOS ESPAÇOS ESCOLARES	p. 15
3 - POSSIBILIDADES DIALÓGICAS DE ADMINISTRAR CONFLITOS NOS ESPAÇOS ESCOLARES	p. 20
CONSIDERAÇÕES	p. 25
REFERÊNCIAS	p. 27

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso se refere às angústias, desesperanças e possibilidades de realização de um trabalho pedagógico menos doloroso, que tem causado muitas patologias aos professores da escola pública. Pretende-se compreender como que a escola, ao longo do tempo, foi se modificando e porque muitas vezes ouvimos dos profissionais da educação certo saudosismo da escola antiga.

Muitos elementos externos têm interferido na tarefa de educar, perpassando as paredes escolares, interferindo diretamente no trabalho cotidiano do professor. Desde questões legais como programas sociais, inclusão obrigatória, bem como muitas tecnologias que estão presentes na vida das nossas crianças e adolescentes, causando uma instabilidade ao professor que efetivou sua formação acadêmica, sem o preparo para uma realidade inconstante, nada previsível como a atual.

Vivemos uma época de muitas mudanças na sociedade e também no contexto escolar, à clientela que estamos recebendo em nada se parece com a de outrora. A criança e o adolescente são titulares de direitos e os adultos estão interditados de tratá-los como objetos. Não é mais proibida a criança “responder”, ela deve ser ouvida. Eis o grande desafio da escola pública na contemporaneidade.

Outro fato que merece destaque se refere às relações humanas, pois sempre que houver relações de poder, com a influência de um sobre o outro as possibilidades de conflitos aumentam. Como a escola ainda é transmissora do sistema utiliza em suas relações interpessoais a lógica da dominação e os desapoderados, na sua grande maioria, não aceitam essa relação de poder, ocasionando muitos conflitos na ambiência escolar. Se fazendo necessário contrapor com a lógica da ação comunicativa.

Devemos ter clareza de que a formação deve ser continuada, na perspectiva de aprendente e ensinante, enquanto professor, pois sabemos que não é mais possível desenvolvermos nosso trabalho pedagógico de forma igual com os desiguais, estamos diante de prerrogativas legais onde a escola pública deve dar acesso, permanência e sucesso a todos, respeitando as individualidades e tendo como norte a superação das desigualdades sociais.

Perceber a necessidade de estar acompanhando esta nova clientela das escolas públicas pressupõe desacomodar das velhas práticas escolares e estar aberto a aprender diariamente, concebendo o processo educativo como um constante resignificar, para que nosso aluno se sinta o protagonista de sua trajetória escolar, buscando e valorizando novas práticas pedagógicas, reconstruindo paradigmas referentes ao papel da escola na atualidade.

Como “são outras as vidas que agora ocorrem à escola” precisamos optar pelo diálogo como sendo o caminho para evitar os conflitos, bem como o trabalho coletivo, os contratos pedagógicos, a gestão democrática, o entendimento do conflito como uma possibilidade de aprendizagem, colaborando para uma cultura da PAZ e um ambiente satisfatório para o desenvolvimento do processo educativo.

Na sequência, o texto encontra-se dividido em três principais capítulos. O primeiro aborda os fatores contemporâneos que causa uma crise no modelo da educação escolar, pois os modelos de anos atrás eram padronizados onde todos obedeciam, eram submissos, no entanto hoje os estudantes tem voz e vez, essa fresta para o estudante como o centro do processo abre diferentes situações diárias das quais os professores não estão preparados para enfrentar.

Diante de tantas mudanças no contexto escolar o segundo capítulo reflete que é inevitável não haver conflitos em um espaço onde existem diferentes relações ocorrendo em todos os instantes. Ainda mais quando se trata das relações de poder entre professores e estudantes, professores e direção, estudantes e direção, ampliando para toda a comunidade escolar.

O terceiro capítulo reflete a possibilidade de administrar estes conflitos a partir do diálogo. Compreende-se no presente trabalho que o diálogo, a atenção, expor os pontos de vista de um mesmo acontecimento, olhar nos olhos e conversar ainda são uma possibilidade de buscar a resolução dos problemas escolares.

Cabe salientar que o conflito não é visto apenas como algo negativo, mas sim como uma aprendizagem, onde todos argumentam, aprendem a respeitar diferentes posicionamentos e opiniões buscando juntos a possibilidade de mudança e melhorias para a educação.

1 - FATORES CONTEMPORÂNEOS DA CRISE DO MODELO TRANSMISSOR DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

“No meu tempo não era assim”. Esta é uma afirmativa muito ouvida na sala dos professores. Muitas são as queixas dos educadores no que se refere à difícil missão de educar. A escola, de acordo com as mudanças da sociedade, também é convocada a mudar. Se fazendo necessário entender as mudanças que ocorreram na sociedade e conseqüentemente na demanda que a escola pública passou a receber influenciando diretamente no trabalho pedagógico dos professores.

No Brasil, dos anos 60 para cá, a escola se transformou por força de alguns fatores notáveis, que muitos professores se negam a enxergar: 1) a inclusão obrigatória (legal) de todas as crianças e adolescentes; 2) a influências das TICs sobre a vida das pessoas; 3) a mudanças do status jurídico das crianças e adolescentes, sendo reconhecidos como titulares de direitos.

PRIMEIRO FATOR DE COMPLEXIFICAÇÃO DO ENSINO: A INCLUSÃO OBRIGATÓRIA

A escola antiga, no Brasil, era uma escola altamente excludente, onde somente alguns tinham o privilégio de estarem ali, todos aqueles tidos como os “mais fracos” não tinham acesso. Portanto sendo uma escola de uma clientela selecionada, o professor sabia perfeitamente o que poderia acontecer em termos de aprendizagem e comportamento. Tudo era previsível, estático, sem movimento algum. Quem estava na escola eram os “intocáveis”, representavam a igreja. O perfil existente era rígido, controlador e segregacionista.

A partir dos anos 70, 80 houve muitas experiências pedagógicas diferentes, muitos movimentos sociais, começam a se discutir novas leis. Surge a nova LDB, em 20 de dezembro de 1996. Entre tantos outros fatores, surge a Inclusão obrigatória, onde é direito de todos terem o acesso, permanência e sucesso nessa nova escola. Passamos então a receber no espaço pedagógico o mais diverso público, pois, agora todos com o direito a educação. A nova composição social das

escolas passou a incluir crianças e adolescentes de todos os tipos sociais, políticos, culturais, étnicos, idiomáticos, físicos, religiosos, mentais, sexuais, etários.

Parecia estar tudo certo e acomodado no ambiente escolar e de repente foi desacomodado. Iniciou-se uma complexidade de problemas em sala de aula, uma realidade heterogênea e confusa, transformações nos hábitos e condutas das crianças e jovens, na maioria das vezes interpretada pelos professores como indisciplina. (AQUINO. 2003)

Em meio a toda essa diversidade mudou o cenário da escola pública, temos um multiculturalismo presente em cada espaço da sala de aula, desde alunos com as mais diversas deficiências físicas e mentais, alunos com individualidades de cor, gênero, cultura e valores, com os mais diferentes tempos e formas de aprendizagens. Sendo assim, a escola se tornou um cenário de relacionamentos, não mais sendo militarista, onde tudo era previsível, ao contrário, agora tudo é movimento, nada mais pode ser programado definitivamente. Viver no mundo atual significa passar pelo reconhecimento da pluralidade e diversidade de sujeitos e culturas com base no respeito e tolerância recíproca. Portanto, “é gigantesca a diferença entre aquela escola excludente em que os velhos professores começaram a dar aula e a atual escola multicultural e complexa” (ARENHART; ARENHART. 2011, p. 11), ocasionando, muitas vezes, uma queixa de que se tornou impossível ser professor.

Estamos diante da Inclusão obrigatória, seja dos deficientes, seja dos que se fazem presente a partir dos diversos programas sociais existentes, tornando a escola um espaço de interesses múltiplos onde na grande maioria das vezes não é o do aprendizado. É urgente a necessidade de encontrarmos uma forma de conviver, oportunizar um ambiente de aprendizagem a esta geração que aí se encontra, possuidora de outra mentalidade, outros princípios de convívio, com vontade de se pronunciar, opinar, contrapor e muitas vezes contrariar.

Essa escola, com características pós-modernas, não pode perder o foco de que sua função principal é a aprendizagem e de que nosso alunado gosta de estar na escola, de conviver com os demais, de estar e se estabelecer naquele espaço, mas muitas vezes não gosta de estudar.

Um dos aspectos que contribui para que na escola não exista o gosto pela aprendizagem é o fato de que, muitos de nós professores, ainda temos enraizado em nosso fazer pedagógico, uma cultura excludente, de mais de cem anos,

machista, com princípios do cristianismo, onde o professor ainda se compreende como o transmissor do conhecimento, concebendo o aluno como alguém que nada sabe, desprovido de conhecimento.

Respeitar, entender e oportunizar aprendizagens a toda a clientela escolar é nosso grande desafio, pois não estamos “preparados” para esta tarefa tão difícil. A inclusão, a partir da educação para todos, oportuniza um desafio ainda maior: os recursos físicos e materiais, para a efetivação de um processo escolar de qualidade, sedem sua prioridade, ao desenvolvimento de novas atitudes e formas de interação, na escola, exigindo mudanças no relacionamento pessoal e social. Sendo assim a formação das pessoas envolvidas no processo surge, mais uma vez, como determinante para o sucesso de uma educação inclusiva de qualidade e que proporcione o desenvolvimento humano. “As escolas tornaram-se espaços por excelência da aprendizagem para a convivência com os outros, diferentes de mim”. (ARENHART. 2011, p. 11)

SEGUNDO FATOR DE COMPLEXIDADE DO ENSINO: AS TICs

Na sociedade do conhecimento e da tecnologia, torna-se indispensável repensar o papel da escola, pois não há mais espaço para um ensino fragmentado, privilegiando a memorização de fatos, bem como soluções padronizadas, necessitamos repensar nossa metodologia de trabalho para efetuarmos com maior êxito nossa tarefa referente ao ensino e aprendizagem na escola pública.

Precisamos entender que a escola é o lugar de construção da aprendizagem e não podemos ignorar tudo que interfere nessa construção. O momento requer uma nova forma de pensar e agir para lidar com a rapidez e a abrangência de informações e com o dinamismo do conhecimento. Necessitamos de uma nova organização de tempo e espaço no contexto escolar, bem como conhecer a grande diversidade de aparatos tecnológicos disponíveis para fazer escolhas e oportunizar ao nosso estudante uma aula criativa e colaborativa. Propiciar o desenvolvimento de competências para lidar com as características da sociedade atual, enfatizando a autonomia.

A escola está em crise? É um questionamento recorrente, pois nos deparamos com novas formas de comunicação, tecnologias diversas que alteraram

a antiga lógica de que era a escola que realizava esta tarefa. Portanto a informação não é mais privilégio das instituições escolares, pois chegam até o aluno cotidianamente através das redes sociais, sites, blogs, face book, Skype; está em constante comunicação com o mundo externo, através dos mais diversos meios de comunicação aos quais tem acesso, em diferentes lugares e situações, não mais havendo controle sobre estas informações, nem sobre seus significados, conteúdos e interpretações. Mas, a informação em si mesma de nada vale se faz necessário refletir, contextualizar e pensar sobre ela.

Repensar o cotidiano da escola implica, antes de qualquer coisa, assumir uma postura de aprendente, pois discutir novas teorias, metodologias, buscar o coletivo, a interdisciplinaridade são algumas das possibilidades que se apresentam para que possamos efetivar um trabalho de qualidade na escola pública. Pois:

Um ensino pautado na prática interdisciplinar pretende formar alunos com uma visão global de mundo, aptos para articular, religar, contextualizar situar-se num contexto e é possível globalizar, reunir os conhecimentos adquiridos. (MORIN, 2002, pg.29).

Diante dessa realidade muitos problemas, conflitos e angustias tem permeado o trabalho do professor. Faz-se necessário um novo paradigma do ato educativo, entender que as novas tecnologias existentes devem somar as metodologias utilizadas no espaço escolar.

Somos, enquanto seres humanos, professores resistentes às mudanças, por insegurança, pela formação que tivemos, por medo da reação dos pais e muitas vezes por acomodação. Precisamos nos apropriar de todas essas ferramentas oferecidas pelas TICs, para tornar nossa aula mais atraente para essa nova clientela, devemos modernizar, atualizar nossa metodologia de trabalho, utilizando-se de toda a interação possível a partir do uso das tecnologias.

Bem verdade, que a grande maioria das escolas possui um laboratório de informática, onde muitas vezes não são utilizados pelos professores, pois não tem domínio sobre esta tecnologia disponível nos ambientes escolares. Se fazendo necessário um desacomodar do professor para apreender a manusear esta ferramenta, proporcionando ao seu aluno uma aula diferenciada, dinâmica, interativa nas diversas disciplinas do currículo escolar.

É essencial que a escola, além de promover a formação continuada dos professores, dê o suporte para desenvolver atividades propostas e tomar consciência de que é possível romper com as barreiras disciplinares, o uso das tecnologias, por exemplo, é uma das possibilidades de efetivar um trabalho interdisciplinar, ao mesmo tempo dar ao aluno a oportunidade de ser sujeito da aprendizagem, expandindo seus horizontes intelectuais, bem como utilizar de ferramentas que motivam o aluno a pesquisar, socializar, interagir, sabendo que o envolvimento do aluno no processo é fundamental.

Embora a tecnologia seja um elemento da cultura bastante expressivo, ela precisa ser devidamente compreendida em termos das implicações do seu uso no processo ensino e aprendizagem, permitindo ao professor integrá-la à prática pedagógica.

Por isso, “As escolas não precisam de bons computadores, mas de bons professores, imaginação, livro e saliva; computador é só apoio”. (AQUINO. 2002, p. 13.). Muitos professores sentem-se inseguro diante da tecnologia, pensam que podem ser substituído, quando na verdade é só mais uma ferramenta, importante sim, pois agrada nosso aluno, ele possui facilidade no manuseio e representa todo um contexto de movimento o qual é apreciado pelo aluno, motivo pelo qual devemos transpor a barreira da resistência às mudanças, tornando as TICs nossa aliada no processo ensino aprendizagem. O saber não se move sozinho, sem a articulação do sujeito. Portanto, deve sempre ser entendido como uma prática entre sujeitos. Prática esta permeada pelo diálogo interdisciplinar entre as disciplinas, pois os saberes são constantemente complementados.

Devemos estar receptivos a todas essas mudanças que estão acontecendo, tentando trazê-las para o cotidiano da escola, utilizando todas as informações possíveis da mídia para torná-las momentos de aprendizagens com assuntos da atualidade, de interesse do aluno, retomado pelo viés do conhecimento científico todas as informações que dispõem nossos alunos. Ter presente que a escola é uma instituição de aprendizagem e o professor é alguém que está ali para ajudar o aluno a aprender. No contexto atual, não só mais o conhecimento científico, conceitual, mas para a visão de mundo, da convivência, do relacionamento entre os sujeitos.

Diferente da escola antiga, hoje nosso aluno consegue ter acesso a muitas informações, mas sozinho não sabe pensar múltiplas possibilidades, neste momento

necessita de um interlocutor, que o desafie a pensar, descobrir o que está nas entrelinhas, seja capaz e realizar uma releitura do mundo que o cerca, ou seja, construir conhecimento e visão de mundo e interferir de modo que consiga melhorar sua vida, necessitando desenvolver competências e habilidades que possibilite a operar com as informações, pesquisar, processar, construir significados. Ser capaz de informar-se e formar-se durante toda a vida como condição de participação social, é desafio para a escola.

TERCEIRO FATOR DE COMPLEXIFICAÇÃO DO ENSINO: O DESAFIO DE ADMINISTRAR AS FALAS E OS DIREITOS DE DIFERENTES CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Diante de tantas situações vivenciadas hoje em dia, temos que ter clareza que a escola a todo o momento está sendo invadida pelo movimento externo, por tudo que acontece no mundo, nada mais está garantido dentro da ambiência da escola, pois os relacionamentos sofrem a influência do meio externo. Portanto, devemos aprender novas formas de relacionamento entre as gerações, onde uma das ferramentas principais está na comunicação, pois quando um determinado consenso foi abalado gera discussão e a dimensão emancipatória está na ação comunicativa, quando se abre mão da relação de poder para dialogar e entrar em consenso. (REPA in NOBRE. 2008 p.172).

Faz-se necessário o entendimento de que a interação social só acontecerá a partir do momento que os indivíduos conseguirem se comunicar através da linguagem, pois vivendo em uma sociedade capitalista onde a burocracia intervém na vida social e privada, dinheiro e poder são os norteadores dos comportamentos humanos. Ter autonomia nas ações, posições e argumentações demanda de uma capacidade a ser desenvolvida a partir da reflexão, diálogo e atitude de criar regras, normas, pautadas no respeito e convivência.

Cada vez mais se faz necessário que o professor descubra na tarefa de educar com alegria, com prazer, se desarme de qualquer atitude individual para buscar o coletivo dentro da escola. Necessitando realizar um trabalho com docentes de interação entre as disciplinas, trabalharmos de forma interdisciplinar, entendendo que: "interdisciplinar é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus

elementos, entretanto, de um tecido bem transado e flexível. Se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas.” (FAZENDA. 1994, p. 29).

Acolher todo esse contingente de crianças e jovens para que possamos construir uma escola de fato democrática, nos faz repensar muitos conceitos, valores e atitudes. Toda essa diversidade ocasiona muitos conflitos diários no ambiente escolar, gerando uma ansiedade muito grande entre os professores, alunos e toda a escola.

A educação moderna, a partir do século XX, não preparou o professor para o convívio com o imprevisível. Diante dessa nova realidade escolar necessitamos adotar novas metodologias para efetivar um convívio mais harmonioso diante do contexto apresentado. Ao convivemos com o multiculturalismo, as novas tecnologias perpassando as paredes escolares, enfim todas as transformações na sociedade contemporânea necessitaram entender urgentemente, que o conflito surge como parte importante na formação do indivíduo e da coletividade.

Muitos conflitos se estabelecem, e na maioria das vezes são resolvidos de forma insatisfatória para os sujeitos envolvidos, pois não aprendemos a lidar com esta realidade, entendendo o conflito como uma possibilidade de aprendizagem. O ato educativo torna-se bastante angustiante, o sofrimento psíquico do educador só faz aumentar.

A educação se efetiva na relação professor aluno, sendo imprescindível que o professor tenha a clareza de que deve recriar o legado histórico dos homens, invocar “os pais do conhecimento”, pois a escola é o lugar de contar as “histórias que tem a ver com a família humana, com a raça humana”. (AQUINO. 2002, p.162). Lembrar que o conhecimento foi construído historicamente, o professor com boa imaginação, criatividade, uma boa bibliografia e muita oratória pode desenvolver um processo educacional que contemple uma educação emancipatória, tornando o sujeito pensante.

Com a democratização da escola pública surgem vários embates. Fazendo-se necessário uma revisão paradigmática dos valores e relações que permeiam as ações e relações no cotidiano escolar. Romper com mitos construídos historicamente, pois o material escolar mais precioso é a “fauna humana”, percebendo essa “indisciplina” como algo salutar, produtivo, como uma reação espontânea das novas gerações, como algo necessário ao aluno para experimentar

vivências que serão determinantes na construção de um território moral do que pode e não pode. (AQUINO. 2002, p.45).

Confrontar-se com autoridade, conviver com diferentes e viver conflitos interpessoais é essencial para que os alunos construam e respeitem as normas de convivência existentes em qualquer ambiente social, visto serem reações espontâneas das novas gerações. Vale ressaltar que este tipo de atitude sempre existiu por parte do alunado, o diferencial é o fato de que na escola antiga sempre foi reprimido, até mesmo violentamente.

Enquanto professores, atuantes na escola contemporânea e não preparados para lidar com toda esta gama de conflitos interpessoais que estamos presenciando na escola pública, cada vez mais se torna indispensável que tenhamos presente, em nosso fazer pedagógico, que estamos diante de um aluno real, que por vezes é muito diferente daquele muitas vezes sonhado e imaginado pelo professor.

Toda esta diversidade cultural, hoje presente na escola pública, que tem ocasionado uma ambiência imprevisível, no que se refere ao cotidiano da sala de aula, tem causado muito sofrimento psíquico ao professor, fazendo com que muitos deles usam do discurso de que se tornou impossível ser professor.

Para a psicanálise cabe ao professor criar uma ética, um modo de ver e entender sua prática educativa. Saber que dependendo das possibilidades subjetivas de cada professor dependerá uma posição, uma filosofia de trabalho. É justamente esse encontro do que foi ensinado é o subjetivo de cada um, ensinante e aprendente, que torna o pensamento renovado, criam-se novos conhecimentos.

Para Kupfer (2000, p. 97 e 98) este mundo desejante que habita cada um de nós estará sendo preservada toda vez que um educador renunciar ao controle, aos efeitos de seu poder sobre os alunos, estando assim contribuindo para o desenvolvimento de um ser pensante. O professor necessita apropriar-se do conhecimento de sua área de trabalho, organizar-se, para transmiti-lo ao aluno. Cada aluno ira absorvê-lo de acordo com seu desejo, que foge ao controle do professor, desejo esse, que de alguma forma, possui significado na sua trajetória de vida.

Ao refletir sobre os escritos de Habermas, Luiz Repa (REPA in NOBRE. 2008, p. 175), perceber que o potencial emancipatório da ação comunicativa se apresenta como uma possibilidade real e não uma construção utópica. Pois a racionalidade comunicativa é persistente e operante, apresenta-se como uma fagulha possível de

emancipação, pois ninguém poderá se socializar se não através de contextos de ação comunicativa permeados com consensos legítimos, e argumentativos, consolidando a racionalidade comunicativa em uma série de formas de reprodução sócio cultural.

Provocar rupturas, tarefa dos professores comprometidos com uma prática escolar que se pretende democrática, inclusiva e responsável. Processo esse que é longo e complexo, se efetivando mediante a cotidianidade escolar e jamais por decretos. O trato de todas essas questões disciplinares e de convivência requer a busca coletiva, com a participação de todos, comprometendo-se e responsabilizando-se pelas atitudes acordadas e partilhadas numa ambiência de fato democrática. Neste aspecto está toda a diferença que o professor pode fazer:

(...) quando consegue de forma encantadora reatar o conteúdo do seu plano e história da sua área do conhecimento, se entusiasma com este patrimônio da humanidade, terão o que transmitir a seus respectivos herdeiros simbólicos, terão sido atendido e simbolicamente marcado em seu desejo". (KUPFER. 2001, p.147).

Entrelaçando as falas do primeiro capítulo percebe-se que a educação vem se modificando nas últimas décadas. Essas mudanças não são estáveis. Pelo contrário, está cada vez mais heterogenia e complexa. O que causa dúvidas, desconforto, desacomodação e a busca constante de novas aprendizagens, seja para professores, sejam para estudantes.

O Espaço escolar que se abre ao múltiplo, também se abre para diferentes relações. À medida que as pessoas se pronunciam e convivem em um determinado espaço, no caso o espaço da escola, as diferenças se acentuam e por vezes geram conflitos. "O conflito é inerente às relações humanas" (SALES. 2007 p.25). Com essa citação introduz-se o segundo capítulo que reflete sobre as relações, inclusive as relações de poder que geram indisposições no espaço escolar.

2 - A INEVITABILIDADE DOS CONFLITOS NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Estamos diante de um momento histórico, onde se faz necessário por parte dos trabalhadores em educação, ter a coragem de inovar, experimentar novas

roupagens para dar conta de uma demanda diversificada que estamos recebendo no cotidiano escolar. Vivemos em uma sociedade democrática republicana, onde a responsabilidade pela condução do processo educacional diz respeito a todos, gerando muitos conflitos e dificuldades diárias, pois sabemos que as pessoas pensam e agem de forma diferente.

No dia a dia escolar as palavras de ordem tem sido referentes aos hábitos e interesses dos alunos que são totalmente diferentes das expectativas dos professores, ou seja, os alunos apresentam vários problemas que dificultam, ou até mesmo impedem o trabalho docente, entre os quais se destacam: falta de conceitos básicos para frequentar determinada série, ano ou escola; faltam os requisitos mínimos para o convívio escolar, muitas carências de normas de convivência, problemas familiares, etc. Ficando claro que o que temos priorizado é o domínio disciplinar- atitudinal. (AQUINO. 2003, p. 17).

Educar na atualidade é uma tarefa desafiadora. Na escola pública, nós professores ainda não internalizamos a escola para todos, muito menos aprendemos como lidar com todos os conflitos decorrentes dessa nova realidade. Pois, nossa tarefa hoje vai além da decodificação da escrita, reside também em ajudar nosso aluno a encontrar respostas para as múltiplas inquietações do mundo contemporâneo. Muitas mudanças estão acontecendo no dia a dia, precisamos aprender a lidar com todo esse movimento, encontrar uma forma de convívio, onde professor e aluno consigam dividir o mesmo espaço físico com respeito mútuo e muito diálogo.

Nesse momento, ao estabelecer este convívio é que reside nosso maior problema, pois “o conflito é inerente às relações humanas”. (SALES. 2007, p. 25). Necessitamos ter clareza, que nos dias de hoje é praticamente impossível efetivarmos nosso trabalho pedagógico sem o convívio com as relações de poder, de influências de uns (apoderados) sobre os outros (desapoderados). As relações entre pessoas ou grupos que exercem influência uns sobre os outros geram conflitos, precisamente quando os dominados recusam a dominação. Este é o caso dos conflitos nas escolas.

Conviver em um espaço público com uma diversidade de culturas, questões de gênero, na perspectiva inclusiva, democrática, requer a construção de um novo caminho, buscando a construção de uma cultura de paz, pois, “a violência ocorre

quando não existe espaço para a escuta, para a palavra, ou quando não existe meio de canalizar a agressividade”. (SALES. 2007, p.186).

As crianças de hoje são bem mais constrangidas do que nós fomos ao passado, pois habitam um mundo cheio e cobranças e se faz necessário, indispensável que experimente, na ambiência escolar, vivências importante, tais como: confronto com autoridade, convivência com o diferente, e até mesmo conflitos interpessoais. (AQUINO. 2002, p. 37). É justamente neste contexto que irá construir suas normas e regras de convivência, necessário em qualquer ambiente social.

Portanto, uma das tarefas primordiais que nos desafia, é justamente a de oferecer mecanismos para que nosso aluno aprenda a conviver com esta diversidade cultural e que, nós professores possamos passar a entender toda a forma de conflito, decorrente dessa nova convivência, como uma possibilidade de aprendizagem. Entender que toda a forma de conflito que possa vir a acontecer não deve nos conduzir ao desespero, faz parte de um novo quadro institucional e social que está sujeito a mudanças. Pois “a violência é construída e, logo, pode ser desconstruída”. (ABRAMOVAY. 2003. p. 85).

Nessa gigantesca diferença entre a escola excludente e a atual escola multicultural, temos uma clientela de crianças e adolescentes que adoram estar ali, outros obrigados em função de programas sociais, inclusão obrigatória, e até pela proibição da exclusão. Nosso grande desafio, na contemporaneidade, incorporar as grandes mudanças em curso na sociedade; garantir o direito a educação, o acesso, a permanência e o sucesso dos estudantes, com a melhoria da qualidade da educação para todos. Atendendo assim, a várias demandas das políticas públicas.

Esta nova realidade ocasiona nos professores muita angústia, causando muitas vezes problemas sérios, por não sabermos como lidar com esta nova demanda que se apresenta na escola, pois nossa formação acadêmica, muitas vezes não contemplou todo esse movimento que hora se apresenta. Não aprendemos a administrar conflitos, fomos “ensinados” a reprimir e sufocar. Eis nosso grande desafio: aprender a administrar os diversos conflitos existentes nas escolas públicas.

Como decorrência dessa realidade na sociedade contemporânea, muitos distúrbios psíquicos têm surgido e interferido negativamente nas relações dos seres humanos, resultado do sistema econômico capitalista e burocrático, interferindo diretamente no “mundo da vida”. (REPA in NOBRE. 2008 p.163). Pois a lógica do

sistema é o da dominação e a lógica dos mundos vividos é o da comunicação, da busca do entendimento.

A usurpação do sistema sobre os mundos da vida causa conflitos entre as pessoas e os grupos, doenças psíquicas, desorientação moral e falta de sentido de viver. Na medida em que a escola é usada como correia de transmissão do sistema produz conflitos, pois toda vez que o diálogo não é oportunizado entre os seres humanos, não se estabelece a comunicação, prejudicando a possibilidade de construir consensos, assim, ocasionando, muitas vezes o desentendimento.

Segundo Habermas, a colonização sistêmica do mundo da vida – dinheiro e poder- são os senhores coloniais que invadiram a sociedade, empobrecendo e padronizando a linguagem (REPA in NOBRE. 2008, p. 164). Pois devido à dinâmica da sociedade capitalista, a burocratização interfere diretamente na vida privada e pública dos seres humanos. Para que seja possível a interação social e para que a comunicação aconteça se faz necessária a reprodução simbólica do mundo da vida, através dos costumes, tradições, da cultura, onde o dinheiro, o poder, interfere na forma de comunicação das pessoas, limitando muito a comunicação e dificultando o entendimento de que o cerne da racionalidade encontra-se nas condições, regras que todos precisam suportar para que se obtenha o consenso no discurso.

A lógica de reprodução do mundo da vida moderna (REPA in NOBRE. 2008 p. 165-166) é o entendimento recíproco entre os sujeitos através da linguagem. A sociedade contemporânea apresenta-se com patologias diversificadas, dentre elas; distorções, impedimentos de fala. A práxis cotidiana, cada vez mais é afetada pela colonização sistêmica, determinando a dimensão cognitiva instrumental, razão do apego dos professores ao modelo transmissor- cognitivo e da redução das avaliações a dimensão cognitivo-instrumental da racionalidade.

Sempre que o consenso for quebrado as discussões serão desencadeadas, pressupor a comunicação sem as relações de poder constitui a dimensão emancipatória da ação comunicativa. Não é possível determinar previamente o que é uma vida emancipada, mas, devemos e podemos estabelecer as regras e as condições em que deverá ocorrer o diálogo, oportunizando o surgimento de instituições escolares que busquem a realização de diversos projetos e formas de vida emancipada.

Mas devemos sonhar e buscar gerir uma escola segundo a lógica da ação comunicativa caminho para evitar os conflitos. Daí o surgimento de novos

movimentos sociais com questões ecológicas, qualidade de vida, igualdade e direitos entre gêneros e grupos étnicos, da auto realização individual, da participação política satisfatória, dos direitos humanos.

O paradigma proposto (REPA in NOBRE. 2008 p. 179) é o do entendimento entre sujeitos, atentando para as diferenciações sociais. Propõe que os sujeitos possam falar e agir, observando as formas de patologias sociais, tendo como contrapartida o aproveitamento crítico da teoria tradicional. A nova orientação teórica crítica permite a convivência produtiva de diversos paradigmas teóricos. Oportunizar condições para que o diálogo possa acontecer, dentro de uma perspectiva totalmente diferente da que estávamos acostumados na escola antiga é sem dúvida muito difícil, pois se trata de fazer algo para o qual não tivemos preparo algum.

Neste novo convívio escolar o conflito é inevitável, devemos encontrar uma forma de administrá-lo, entendendo como possibilidade de aprendizagem e não como algo negativo. Entendendo a pluralidade como uma virtude que permite enriquecer e muito a vida humana.

Muitas vezes tem sido entendida esta nova forma de convivência, onde o conflito se faz presente, como algo pertinente a tratamento, seja de psicólogos, médico ou mesmo clientela para sala de recursos – AEE, da escola. Como que este modo de manifestar seu descontentamento com a escola fosse um sintoma de doença, onde na grande maioria das vezes é somente vontade de se manifestar, dizer, gritar. Na escola antiga toda a forma de manifestação por parte do aluno, era reprimida, considerada indisciplina. Punia-se, corrigia-se, excluía-se.

Na atualidade, por mais que toda a equipe gestora da escola se esforce para manter um conjunto de procedimentos de controle, com vistas à racionalização dos espaços, do tempo e dos corpos dos indivíduos sob sua tutela. “existências fabris, porém dóceis”. (AQUINO. 2003, p.19). O conflito surge a qualquer momento como algo sem controle por parte do corpo docente e discente. Portanto, inevitável no ambiente escolar.

Compreender que no espaço escolar deve acontecer a interação pessoal entre alunos e professor, sendo um espaço natural de convivência. Entender que há dias em que o estudante não quer aula, quer atenção, quer conversar com o professor, contar seus problemas. Na escola faltam esses espaços complementares à aula. Na maioria das vezes os professores se detêm aos conteúdos programáticos esquecendo-se da parte da humanização do ser. Faz-se

necessário que nos professores possamos perceber o conflito como uma possibilidade de aprendizagem, entendendo que:

A premissa de que o conflito é algo importante para a formação do indivíduo e da coletividade faz com que as posturas antagônicas deixem de ser interpretadas como algo eminentemente mau para se tornar algo comum na vida de qualquer ser humano que vive em sociedade. (SALES. 2007, p. 24)

Pois sabemos que na diversidade das opiniões podemos aprender, cabendo a cada professor desenvolver uma nova postura diante de seus alunos, entendendo que a escola é o lugar das relações humanas, neste sentido estará sempre mediante a situação de conflito que devem ser encaradas com a maior naturalidade possível, pois são humanamente impossíveis de se controlar no movimento que vivemos na atualidade, onde a subjetividade se faz presente a todo instante.

Conseguir realizar seu trabalho pedagógico, sem perder o foco do processo, sem deixar de cumprir seu papel que é o de auxiliar o aluno a construir conhecimento e visão de mundo, mas, ter claro que não se educa ninguém sem contrariar desejos. Por isso necessitamos construir coletivamente alguns critérios de convívio que varia de escola para escola.

Compreendeu-se que os conflitos são inevitáveis nas relações do dia-a-dia escolar. Mas, juntamente com a compreensão devemos nos revestir de uma atitude que colabora para a resolução desses conflitos gerados. Nesse sentido, entende-se que a melhor maneira continua sendo o uso consciente da palavra, ou seja, o diálogo entre os divergentes, sendo que ambos consigam se despir das relações de poderes que estão presentes na escola. O terceiro capítulo aborda essa possibilidade de resolução dos conflitos a partir do diálogo.

3 - POSSIBILIDADES DIALÓGICAS DE ADMINISTRAR CONFLITOS NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Sabemos que a escola mudou, o professor se sente desmotivado diante dos alunos, muitos não conseguem desenvolver mais sua aula, não encantam e nem motivam seus alunos. Se a escola mudou, nós professores também precisamos

mudar, não esquecendo que: “A escola é o lugar do passado, e ponto. Ela é o lugar de recriação das experiências do passado, lugar em que reencarnamos a história dos homens que nos precederam”. (AQUINO. 2002, p. 37).

As possibilidades de convívio com esta clientela, que recebemos hoje na escola contemporânea, parte do pressuposto de nós professores precisamos estar receptivos, entendermos que a maneira de pensar e agir se modificou e a escola não é mais a única a trazer informações. Continua sendo de fundamental importância para que nosso aluno consiga entender e trazer estas informações para sua vida e com isso melhorar seu cotidiano. A escola tem que fazer influência simbólica. O “cala boca” não vale mais, trata-se da forçagem para a aprendizagem da poda necessária para o crescimento psicológico, pois os problemas que a escola enfrenta hoje são de outra ordem, os paradigmas estão em crise.

Entender que a lógica do capital jamais vai atender as necessidades humanas, por isso devemos fortalecer as esferas públicas. Nossa luta, diante do novo contexto escolar, deve ser uma batalha simbólica, intelectual, cultural. Entendendo nosso alunado, principalmente os adolescentes, que necessitam manifestar seus desejos, revoltas, dúvidas e ansiedades na ambiência escolar. Para que este convívio aconteça de maneira menos dolorosa do que até então, necessitamos ter clareza de que:

A escola é um lugar muito significativo de trocas sociais, já que lá acontecem as interações entre seus pares e com os mais velhos. É o que podemos chamar de dimensão socializante da vida escolar. É onde eles se encontram, paqueram transgridam regras. Porque transgredir regras é importante, ser chamado à atenção é importante, ser punido num determinado limite é importante. Essas sanções situam o sujeito no mundo. Isso porque eles estão exercitando a construção de um território moral, do que pode e do que não pode, do que é legítimo ou não, do que é desejável ou não etc. (AQUINO. 2002 p. 42)

Sabendo o que representa para nosso aluno o ambiente escolar, precisamos construir novas formas de convívio, experimentar novas metodologias, mudar o paradigma, pois vivemos em uma heterogeneidade de diferenças. Onde nosso desejo fundante se mantém na homogeneidade das turmas, onde ainda temos enraizados a padronização de século passado.

Não existe nenhum curso que possa nos preparar com receitas, formas de como lidar com esse novo contexto escolar, mas a partir de uma nova postura ética do professor é possível construir uma docência comprometida com a realidade

existente hoje em nossas escolas, entender que na relação pedagógica podemos fazer diferença entre nossos alunos, podemos sim ter atitudes diferenciadas descobrindo como cada um aprende. Isto será possível a partir de uma formação continuada de professores, percebendo nosso fazer pedagógico como algo a ser constantemente resignificado. Esse preparo dos educadores se fará na própria ação, no “chão da escola”.

Faz-se urgente, novas concepções pedagógicas, ampliando nossas compreensões a cerca da diferença, fomentar a construção de políticas sociais (estaduais e municipais), e mesmo de escola e desenvolver a comunicabilidade para melhorar o processo de inclusão. Como fruto da convivência humana sempre ocorrerá posicionamentos diferentes, divergências de opiniões, diferentes interesses. O importante disso tudo é a capacidade que devemos ter de entendimento que a partir de uma reflexão profunda, possamos compreender que na diversidade é onde a transformação pode acontecer, pois justamente reside aí um fator fundamental para que possamos realizar nosso trabalho pedagógico com mais tranquilidade: aceitar as divergentes opiniões, transformando-as em possibilidades de crescimento coletivo.

“Posturas antagônicas deixam de ser interpretadas como algo eminentemente mau para se tornar algo comum na vida de qualquer ser humano que vive em sociedade”. (SALES. 2007, p. 24). Reside aí um grande desafio da atualidade, desconstruir a ideia de que devemos todos ter a mesma opinião, pensar e agir da mesma forma, pois precisamos apreender a conviver e crescer com as diferenças. Essa é a grande mudança na escola e, ao mesmo tempo, a maior dificuldade de aceitação entre os professores.

Pensar a escola de modo diferente, tendo sempre presente que todo o ser humano aprende através da interação, é assim que o ser humano se constitui, através da interação do homem com a realidade circundante, de processos interativos na convivência com os demais, aprendendo a ouvir, respeitar e sabendo estabelecer um diálogo entre os cidadãos participantes de um mesmo espaço público.

Uma das tarefas da educação pública se refere à construção de uma cultura de paz, pois “a violência ocorre quando não existe espaço para a escuta, para a palavra, ou quando não existe meio de canalizar a agressividade”. (SALES. 2007, p. 186). A paz social vai além da violência física e moral, passa pela necessidade de

efetivar os direitos fundamentais: fome, desemprego, trabalho escravo, tráfico de drogas, má qualidade e moradias, saúde pública em péssimas condições, má qualidade na educação, discriminações de todas as espécies, torturas em delegacias e presídios.

O respeito às diferenças e a busca da paz só podem ser realisticamente defendidos dentro da perspectiva e luta pela justiça social: igualdade de acesso de todos aos bens materiais e simbólicos socialmente produzidos. Ensina-se a Paz quando se resolve e se previne a má distribuição dos conflitos, se busca o diálogo, discute direito e deveres e responsabilidade social, quando se estimula a cooperação. (SALES. 2007, p. 38).

Ter clareza de que a escola é a grande virada na vida da criança, porque envolve organização, obrigações, direitos, deveres. É o início da assimilação das formas mais desenvolvidas da consciência social através da ciência, arte, moral e direito. São formas culturais ligadas à consciência e pensamento teórico das pessoas. Pois “As escolas são verdadeiras ilhas de pacificidade, se as compararmos com a violência de outras instituições (a mídia, a família, o mundo do trabalho, etc.) com as quais interagimos cotidianamente”. (AQUINO. 2002, p. 49).

Todo o sistema de organização e gestão escolar por mais que priorize sua gestão por uma democracia participativa não deve ser ingênuo de pensar que irá impedir que os conflitos se manifestem no cotidiano escolar, mas deve sempre estimular e proporcionar espaços para que o diálogo aconteça. Gerir a escola na lógica da ação comunicativa, sendo o melhor caminho para evitar os conflitos no ambiente escolar.

Construir coletivamente, com toda a comunidade escolar, normas de convivência que deverão estar contempladas no Regimento Escolar, que discipline atitudes de convivência no ambiente escolar. Sabendo que não será suficiente para garantir o não surgimento de ideias contraditórias dentro da ambiência escolar, as quais deverão ser encaradas como positivas e uma possibilidade única de crescimento, pois na diversidade reside um potencial enorme de crescimento e interações.

No interior da sala de aula, cabe ao professor construir coletivamente com sua turma alguns pactos, acordos de convivência, algumas normas que oportunizem o respeito mútuo, a possibilidade do diálogo permanente. Ou seja, uma espécie de contrato pedagógico estabelecidos em sala de aula. O trato das questões de

convívio no espaço da sala de aula requer por parte do professor a garantia do diálogo permanente, onde todos tenham a oportunidade de participar, comprometendo-se e responsabilizando-se pelas atitudes acordadas e partilhadas numa ambiência de fato democrática.

Surge então, a proposta de contratos pedagógicos, onde cada educador deve construir em seu ambiente de sala de aula, preferencialmente nos primeiros contatos que tiver com a turma, estabelecer o que pode ser feito durante o convívio naquele espaço democrático de construção e reconstrução do legado histórico.

Os contratos pedagógicos figuram, portanto, como estratégias livremente consentidas de organização e ritualização democrática da sala de aula, por meio da consagração dos papéis diferentes e complementares, de professor e aluno. (AQUINO. 2003, p. 69).

É de fundamental importância que aluno e professor deixem bem claro, a partir dos primeiros contatos o que um espera do outro, que consigam contar um pouco da sua história de vida. Se estabeleça, através do dialogo as normas de convívio, a metodologia a ser utilizada durante as aulas bem como será realizada o processo avaliativo.

Essa nova forma, de estar construindo através do diálogo, no coletivo do grupo da sala de aula, os contratos pedagógicos, deve ser encarado pelo professor como de fundamental importância no momento atual da escola pública, pois nossos alunos querem, precisam se sentir parte do processo para que se envolvam de forma mais participativa e comprometida, oportunizando assim a partilha da responsabilidade pelas decisões, estabelecendo um plano contratual organizado e estabelecido conjuntamente. Também devem constar nesse contrato as sanções, caso algum aluno não cumpra com o que foi estabelecido pelo grupo, ameaçando assim a relação professor-aluno.

Diante da cobrança, onde o professor parece ter a obrigação de oferecer ao aluno tudo que lhe falta, tornasse essencial estabelecer uma parceria com a família, pois existe historicamente uma confusão no que seria a função da escola e a função da família. São instituições muito próximas, o que as diferencia é a forma do enfrentamento das questões. No que se refere à família fica com a responsabilidade das questões da vida privada, enquanto a escola deve dar conta ao que se refere à vida pública. Por muitas vezes essas funções se entrelaçam, se confundem sendo necessário pautar em reuniões com toda a comunidade escolar, reforçar quais são

as funções e obrigações da família na educação de seus filhos, deixando bem claro qual é a função da escola, mas buscar a parceria da família é sempre de fundamental importância.

A democratização da escola pública requer não apenas o acesso, permanência e o sucesso de todos, mas, que, além disso, o aluno possa estar no ambiente escolar em condições acolhedoras para que lá permaneça e consiga efetivar seu aprendizado com sucesso, onde possa estar melhorando seu dia a dia, sendo participativo na sociedade, exercendo sua cidadania de acordo com as condições exigidas pela legislação brasileira.

Os elementos constitutivos do ambiente escolar passaram a ser vistos como potencialidades únicas, dotado de subjetividades, como um sistema vivo, não pode ser controlado e devido ao multiculturalismo existente muitos são os desafios que encontramos no cotidiano escolar, várias ações estão sendo implantadas para fortalecer a matriz dialética.

A abordagem teórica e prática social dos distúrbios nas escolas exige a interdisciplinaridade, pois o mundo é interdisciplinar. Muitos conflitos se estabelecem e são na maioria das vezes “resolvidos” de forma insatisfatória para os sujeitos envolvidos. Oferecer outra possibilidade de resolução dos conflitos, até mesmo no ambiente escolar, pode ser um novo caminho, Trata-se de uma nova abordagem cuja “principal preocupação é a de reestabelecer as relações sociais; vale dizer reconstruir o equilíbrio rompido”. (ROLIM. 2006, p. 12).

Na expectativa da resolução de conflitos, do diálogo, de estabelecer as regras e normas de convivência pretende-se um ambiente escolar acolhedor e de aprendizagem interdisciplinar. Um sistema vivo, sempre em movimento, repleto de desafios e superações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças que ocorreram no espaço de tempo que separam as duas gerações (professores e alunos), são gigantescas. Os professores vêm de uma escola onde tudo era previsível, a clientela era selecionada, somente os melhores tinham acesso, as atitudes dos alunos eram totalmente previsíveis, o professor

detinha o saber que era inquestionável, absoluto. Hoje, no espaço público encontramos toda a espécie de aluno, provenientes de todas as classes sociais, com diferentes interesses e titulares de direitos. Com direito de se pronunciar a todo o momento, de contestar, dizer o que pensa e o que pretende enquanto sujeito participante da construção de sua estória.

Em meio a essa diversidade encontra-se o professor, atordoado diante de tanta pluralidade de vozes. Sua formação docente não contemplou a dialogicidade e hoje é exigido agir dialogicamente, pois como se constitui docente não serve para esta clientela. Necessita em meio a tudo isto, encontrar uma maneira de realizar seu trabalho cotidiano de forma interdisciplinar e respeitando os direitos humanos.

Um dos fatores determinantes para os conflitos acontecerem no espaço escolar refere-se às relações de poder, pois nas relações interpessoais sempre que alguns (apoderados) agem sobre os outros (desapoderados) geram conflitos. Na atualidade nossos alunos não estão mais dispostos a aceitar a dominação, como nós aceitamos no passado.

Conseguir abrir mão do poder, no sentido de permitir o diálogo durante o processo educativo é um dos desafios da atualidade, pois sempre que estaremos dispostos a ouvir nosso aluno de antemão sabemos que teremos que trabalhar com a diversidade de ideias, opiniões e conseguir transformar essa pluralidade de pensamentos em algo reflexivo e positivo.

Compreender a criança e o adolescente como titular de direitos e nós professores interditados de tratá-los como objetos, é um dos maiores desafios da escola contemporânea. Ter clareza que por mais que tenhamos uma escola democrática, com respeito à diversidade, com a inclusão social e que prime por uma educação de qualidade, o conflito sempre fará parte desse espaço.

Sabendo dessa realidade de que devemos aprender a conviver com o conflito e encararmos de forma positiva, pois é uma excelente possibilidade de crescimento, adotando a lógica da ação comunicativa como o melhor caminho para evitar o conflito. Ou, sempre que surgir, procurar resolvê-lo através do diálogo, contemplando as partes envolvidas.

Algumas medidas preventivas podem e devem ser tomadas pelas escolas públicas para promover um melhor convívio entre seus pares e demais envolvidos no processo educacional, como por exemplo: - A construção de regras, norma de convivência pela comunidade escolar e devem fazer parte do regimento escolar; - A

construção de “Contratos pedagógicos” pelos professores de sala de aula, nos primeiros contatos com a turma, determinando o que cada um espera do outro, durante a construção do processo educativo; - Construção e uma nova postura ética, enquanto professor, de pesquisador, entendendo sua profissão como permeada por influências externas, desde legislação, programas sócias, interferências políticas, sociais até comportamentais por ordem de mudanças na sociedade, ocasionando alterações no cotidiano escolar.

Enfim, entender o conflito escolar como algo saudável é o essencial de toda a mudança que por hora aflige os professores e até por muitas vezes tem causado patologias, tratar os desiguais de forma igual não contempla mais nossa realidade, é preciso um novo paradigma na educação o do respeito e diálogo constante, através de acordos, tratativas, sem abrir mão da finalidade da escola a de construir conhecimento para a vida e para a humanização do ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam et alii. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2003.

ARAÚJO, U.F. & AQUINO, J.G. **Os direitos humanos na sala de aula: A ética como tema transversal**. São Paulo, Moderna. 2001.

ARENHART, L.O.; ARENHART, A.B.P. “**Quero Misericórdia e não sacrifícios**”... (p.9-48). *Missioneira*. N.1. (set.1995)- santo Ângelo: Instituto Missioneiro de Teologia, 2011.

AQUINO, Júlio Groppa. **Diálogos com educadores: o cotidiano escolar interrogado**. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003.

FAZENDA, Ivani C. *Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. São Paulo: Ed. Papyrus, 1995, 2a edição.

REPA, Luiz. Jürgen Habermas e o modelo reconstrutivo de teoria crítica. In: NOBRE, Marcos (Org.). **Curso livre de teoria crítica**. Campinas, SP: Papyrus, 2008, p.161-182.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação: o mestre o impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2001.

MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.

ROLIM, Marcos. **A Síndrome Da Rainha Vermelha: Policiamento e Segurança Pública no Séc. XXI**. Editora. Jorge Zahar Editor, 2006.

SALES, Lilia Maia de Moraes. **Mediação de conflitos: Família, Escola e Comunidade**. Florianópolis: Conceito Editorial, 2007.